

## **Discurso, linguagem e loucura no *Instagram* (2021-2022): insurreições da estética da existência?**

### ***Discourse, language, and madness on Instagram (2021-2022): insurrections of the aesthetics of existence?***

**Diego Farias<sup>1</sup>****Nilton Milanez<sup>2</sup>**

**Resumo:** O artigo aborda entre discurso, linguagem e loucura no contexto do *Instagram* durante os anos de 2021 e 2022. O objetivo é compreender como as plataformas digitais, especificamente o *Instagram*, proporcionam um espaço para a expressão da loucura além das estruturas médicas convencionais. Ao analisar páginas como "abraça a loucura", com mais de 170 mil seguidores, percebe-se uma configuração "alternativa" da loucura no cotidiano, afastada das normas estabelecidas pelo sistema normativo. As postagens nessas páginas revelam uma busca por formas estéticas de expressão, como poesia, música, manifestações artísticas, enunciados em muros, que associam a loucura a um campo estético-artístico. Essas expressões não apenas demonstram a realidade, mas também contestam as convenções sociais e médicas da normalidade, constituindo uma "insurreição estética" da loucura. O estudo dessas manifestações no *Instagram* busca por outras formas de lidar com os afetos e experiências cotidianas e experienciando possibilidades alternativas de subjetividade.

**Palavras-chave:** Loucura. Estética. Discurso. Linguagem. Afetos.

**Abstract:** The article addresses the relationship between discourse, language, and madness in the context of Instagram during the years 2021 and 2022. The objective is to understand how digital platforms, specifically Instagram, provide a space for the expression of madness beyond conventional medical structures. By analyzing pages like "embrace madness," with over 170,000 followers, an "alternative" configuration of madness in everyday life can be observed, distanced from the norms established by the normative system. The posts on these pages reveal a search for aesthetic forms of expression, such as poetry, music, artistic manifestations, and statements on walls, which associate madness with an aesthetic-artistic field. These expressions not only demonstrate reality but also challenge the social and medical conventions of normality, constituting an "aesthetic insurrection" of madness. The study of these manifestations on Instagram seeks other ways of dealing with affects and everyday experiences, exploring alternative possibilities of subjectivity.

**Keywords:** Madness. Aesthetics. Discourse. Language. Affects.

<sup>1</sup> Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

<sup>2</sup> Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

## Introdução

Pensar a questão da loucura em nosso domínio de atualidade é algo que se faz necessário, na medida em que vivemos em tempos e velocidades distintas. Não se trata aqui de pensar a loucura pelo viés psicopatológico ou do discurso médico num modelo institucional, mas de tecer leituras da loucura no espaço digital, neste caso, o *Instagram*. Trata-se de pensar na loucura de outras formas que são descontínuas e estranhas aos discursos totalizantes, representativos ou universais da loucura. A construção de uma “subjetividade singular” ocorre com as ferramentas que essa rede social permite para a produção de conteúdos sobre a loucura, num entrelace com a história. O *Instagram* tem sido um espaço na rede que cresceu bastante nos últimos anos, principalmente quando em reverberação com programas televisivos que usam a rede social para encontrar os assuntos mais falados.

Nos termos de uma “arqueogenealogia”, ao selecionar os anos 2021/2022, delimitamos a investigação no contexto de uma “subjetividade pandêmica”, atravessada por múltiplos acontecimentos em nível global, de modo a deslocar o “passado” em linhas que se atualizam no presente, não para encontrar uma origem, mas para suscitar perspectivas acerca da loucura dentro de um período histórico. Assim, traçamos as primeiras linhas de mapas “movediços”, pois suas linhas se atualizam em nosso domínio de atualidade ou de uma “ontologia crítica do presente”: o ser-da-loucura e sua linguagem desdobrada em dimensões da estética da existência. Trata-se aí de fazer leituras da loucura num espaço que nos permite a “criação de novas coordenadas” para seguirmos em outras direções. Num emaranhado de enunciados, tecemos a nossa justificativa: desde a seleção do nosso objeto de pesquisa, quanto às questões que nos inquietam, sabemos que existem discursos sobre a loucura, produzidos por estratégias que delimitam a conduta representacional da loucura e sua linguagem no interior de uma sociedade que visa o contínuo exercício de poder. Não é qualquer um que está autorizado a falar sobre a loucura, o que enuncia um tipo de controle que vai dizer quem pode falar sobre tal tema. O campo denominado como “PSI”, que, em resumo, integra os campos da psiquiatria, psicologia e psicanálise, são campos representativos que organizam os corpos que enlouquecem. Disciplinas que se configuram como um modelo médico/estrutural da loucura, realocando a mesma dentro do positivismo que o campo PSI integra em seus desdobramentos institucionais. Ou seja, o sujeito considerado como louco não pode falar por si mesmo. Tampouco o sujeito racional pode ir muito além da estrutura lógica e cartesiana. É necessário agir, deslocar os poderes exercidos sobre a loucura, de modo a produzir enunciados que não se

pretendem universais do sujeito, mas que são reflexos de nossas leituras acerca da loucura enunciada na rede social: loucura singular, cartografada de si para o outro num “jogo de alteridades”, que não busca o poder centralizador, mas a transversalidade de tais relações: como pensar a loucura sem as relações de poder? A quem é de direito o discurso da loucura? Quem está autorizado a enlouquecer? Quais condições podem “legitimar” uma crítica da loucura? É possível para a loucura reescrever a si mesma num movimento de arte e devir? Essas são questões iniciais que constituem os direcionamentos do nosso olhar. Também geramos a hipótese de que o *Instagram* possibilita a expressão discursiva da loucura como “obra de arte”, de modo que objetivamos cartografar a *hashtag* #loucura para mapear fotos, locais e páginas com os enunciados sobre loucura e analisar as publicações sobre loucura em páginas do *Instagram* (2021-2022), de modo que, em sua especificidade, seja necessário analisar as ferramentas da plataforma no que concerne à produção de conteúdo sobre a loucura e verificar se há insurreições da estética da existência entre os anos 2021-2022.

### **A produção de saber: entrelaçamentos entre o visível e o enunciável**

No que concerne à obra foucaultiana, fica praticamente impossível separar a teoria do método analítico, uma vez que, em tais análises, é possível enxergar aquilo que era invisível. Assim, trabalhamos com os principais conceitos de Michel Foucault através de uma leitura deleuziana, que, em resumo, “singulariza” a obra de Foucault dentro da noção de dispositivo. O visível e o enunciável são elementos que constituem o Saber. O Saber está alocado dentro das formações históricas ou estratos. Em tal olhar, uma época comporta tudo o que pode comportar em termos do que pode ser visto e do que pode ser falado. Segundo Deleuze (2016, p. 258), “Os estratos são formações históricas, positivities ou empiricidades. São feitos de coisas e de palavras, de ver e de falar, de visível e de dizível, de rincões de visibilidade e campos de legibilidade, de conteúdos e de expressões.” O conteúdo é constituído por uma forma-substância (a prisão, o convento, o quartel, o manicômio etc.). Nesta forma-substância, há aqueles que se encontram para serem vistos como sujeitos do confinamento e das “tecnologias” do poder. São elementos de discursividades distintas, mas que definem um campo disciplinar.

Segundo Deleuze (2016, p. 259), “A tarefa da arqueologia é descobrir uma verdadeira forma de expressão que não pode ser confundida com unidades linguísticas, sejam elas quais forem, palavras, frases, proposições ou atos de linguagem.” A produção de enunciados, neste caso, com o tema da loucura no *Instagram* (2021-2022) em período de “subjetividade pandêmica”, ocorre também pelo simples fato de que a loucura está num campo de

deslocamentos, areias movediças e movimentos de devir que entrecortam as dimensões do nosso tempo alocado em nosso domínio de atualidade. Trata-se aqui de uma arqueologia do presente ou a produção de um diagnóstico que visa discursivizar quem nós somos hoje.

Entre os jogos de luzes prismáticas que iluminam a obra de Foucault, direcionamos nosso olhar para o regime de visibilidades que fazem com que essas luzes apareçam e nos permitam ver o objeto de maneira distinta, em determinadas condições de possibilidades, luminosidades que ofuscam, como o sol refletido no mar: linhas que faíscam, curtos-circuitos, clarões, relampejos que revelam a coisa-objeto. Segundo Deleuze (2016, p. 260): “Foucault nunca deixou de ficar fascinado por aquilo que via, como também pelo que escutava ou lia, e a arqueologia, tal como ele a concebe, é um arquivo audiovisual (a começar pela história das ciências).” Existe aí uma “arqueologia do olhar” que tece leituras do saber a partir de dois polos irreduzíveis: o visível e o enunciável. Segundo Foucault (2008, p. 124): “O enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto.” Os enunciados não são diretamente visíveis, tampouco são ocultos. É preciso produzir um fio condutor que vai fazer ver tais enunciados:

Eles só devêm legíveis, dizíveis, se entrelaçados com condições que os tornam assim e que constituem sua inscrição sobre um “soclo enunciativo”. A condição é a seguinte: “Há linguagem”, ou seja, um modo de ser da linguagem sobre cada estrato, uma maneira variável pela qual linguagem é, é plena e se ajunta (As Palavras e as Coisas). Portanto, é preciso fender, abrir as palavras, as frases ou proposições, para apreender a maneira pela qual a linguagem aparece em um certo estrato, a dimensão que dá *algo de* linguagem e condiciona os enunciados (Deleuze, 2016, p. 260).

Pensar a linguagem da loucura através dos estratos. O ser-da-linguagem é a condição de possibilidade que nos permite agrupar determinadas formas de linguagem, que só podem existir em estratos específicos. Cada época diz tudo o que ela pode dizer em função da linguagem que dispõe: “rachar as palavras, rachar as coisas”, fazer devir como quem rompe um abscesso ou estoura um cano: uma expressão da luz que revela a linguagem numa dimensão singular e enuncia tudo o que é capaz de enunciar. Trata-se de “apreender a maneira pela qual a luz aparece sobre tal estrato e condiciona o visível” (Deleuze, 2016, p. 261). Todas essas condições da luz que fazem o enunciado emergir são diretamente apreendidas da experiência real em detrimento da experiência alocada em um campo de possibilidades: modo de ser espontâneo da linguagem.

Segundo Deleuze (2016, p. 261), “Em Foucault, a espontaneidade do entendimento, *cogito*, dá lugar à espontaneidade da linguagem (o “há” da linguagem), enquanto a receptividade da intuição dá lugar à receptividade da luz (espaço-tempo).” Entendemos que o *cogito*, como ele se apresenta, diz respeito a um modelo representacional do pensamento dentro

do campo da razão. Em Foucault, a linguagem aparece de forma espontânea, mas não se deixa capturar por estruturas, pois existe “linguagem” e a luz se desenvolve nos estratos da história. Ambos se distinguem em termos de natureza, no que concerne o visível-enunciável, assim imbricados, em movimentos de reciprocidade. No entanto, ver e falar são coisas diferentes e irreduzíveis um ao outro. As duas formas não possuem a mesma analogia. Diferem em termos de natureza: “não possuem a mesma gênese, a mesma história, ainda que se encontrem no mesmo estrato, servindo-se e reforçando-se um no outro, mesmo em certo momento, podendo, em certos momentos, desservirem e desatar suas alianças” (Deleuze, 2016, p. 262). O Saber resulta de determinados “sorteios” acerca do que se forma como visível e o que se desenvolve como enunciado. Trata-se de “lançar dados” entre o que se diz e aquilo que é visto. É assim que podemos pensar o *Instagram* como lugar de visibilidade e enunciabilidade, um campo para a produção de saberes. A loucura como objeto enunciativo e o conteúdo gerado no *Instagram* possuem naturezas diferentes, mas que adentram no campo da reciprocidade: “Sobre cada estrato ou em cada formação histórica, há fenômenos de apertos ou de capturas: séries de enunciados e segmentos de visibilidade se inserem uns nos outros, não sem violência, não sem forçar” (Deleuze, 2016, p. 263). É importante salientar que a forma como a linguagem se aloca em determinados estratos constitui um espaço de dispersão dos enunciados e não de continuidades.

Todavia, confinamento ou não, são espaços ou formas de exterioridade, linguagem ou luz, nos quais os enunciados se disseminam e as visibilidades se dispersam. Eis por que os enunciados podem se imiscuir nos interstícios do ver, e as visibilidades, nos interstícios do falar. A gente fala e vê, ou faz com que se veja, ao mesmo tempo, ainda que não sejam a mesma coisa e que ambas difiram em natureza (*Raymond Russel*) (Deleuze, 2016, p. 263).

O visível e o enunciável se transformam em cada estrato, em cada passo, de um ponto ao outro. Trata-se do “entrelaçamento dos enunciados” em mútua combinação recíproca. Com isso, a linguagem é emergencial, mas em sua própria dispersão (Deleuze, 2016).

### **Diagramas de poder: mutações, estratégias e resistências**

De acordo com Deleuze (2016), neste ponto, encontramos uma outra dimensão que não é o saber, mas as estratégias do poder. Trata-se de um eixo intimamente ligado não aos polos do saber, mas às estratégias de forças, de modo que encontramos nessa nova dimensão alguns pontos em comum com as determinações anteriores: “[...] pressuposição recíproca entre poder e saber, diferença de natureza e um certo primado do poder. Porém, trata-se agora de um entrelaço de forças (*rapport de forces*), e não mais de um entrelaço entre duas formas, como

no saber.” (Deleuze, 2016, p. 264). Sob tal perspectiva, o poder tem em seu funcionamento o exercício de afetar e ser afetado por outras forças. O poder acontece nos encontros, de um ponto para o outro, de modo a entrecortar o dominador e o dominado. Segundo Foucault (1987, p. 31), “[...] poder e saber estão diretamente implicados.” A loucura, em termos discursivos, é o resultado do poder em seu modelo heterogêneo de agir através de estratégias de forças que afetam o campo social em relações microfísicas:

entrelaço da força com a força consiste na maneira pela qual uma força afeta outras e é afetada por outras; a este respeito, pode-se fazer listas de “funções”: reter e subtrair, enumerar e controlar, compor e fazer crescer etc. A própria força se define por um duplo poder, o de afetar e o de ser afetada, e isso porque ela não pode estar separada do entrelaço com outras forças, que, a cada vez, determina ou preenche esses poderes (Deleuze, 2016, p. 265).

No Saber, era o ver-falar que se fazia presente nos estratos da história, mas nessa dimensão do poder, diz respeito aos entrelaçamentos de força numa função geral que tem por objeto a serialização e o controle dos corpos. Inspirado por Kant, Foucault vai esboçar a noção de diagrama que remete ao entrelaçamento de forças. Temos então a presença de vários diagramas de forças que constituem as sociedades: o poder soberano, o poder pastoral etc. Segundo Deleuze (2016, p. 266), “[...] uma das originalidades do diagrama é ser um lugar de mutações. Ele não está exatamente fora dos estratos, mas é o fora deles. Ele está entre dois estratos como o lugar das mutações que nos fazem passar de um ao outro.” É este entre-lugar do diagrama que vai acontecer a produção de outros enunciados, produções que emergem em mutações do poder. Desse modo, a regularidade é uma propriedade do enunciado, pois o diagrama traça uma curvatura que “reúne” os pontos singulares. As singularidades aqui estabelecidas, dizem respeito ao entrelaço dos pontos de forças que se afetam. As visibilidades como quadro que organizam as singularidades em termos de receptividade, de modo a traçar linhas luminosas que as tornam visíveis. Trata-se aí de “curvas-enunciados e quadros-descrições.” Singularidades dos afetos. O devir de forças, diz respeito ao entrelaçamento da força com outras forças, que remetem ao fora de forma irreduzível: forças que se atualizam entre outras forças, que agem em nome de outras forças que resistem e emergem em locais de enfrentamento. De tal modo que o diagrama insurge em um não-lugar e age nos entremeios: desloca, dimensiona, muda. O pensar se faz na disjunção entre o ver e o falar:

Pensar não depende de uma interioridade que reuniria o visível e o enunciável, mas é feito sob a intrusão de um fora que escava o intervalo: “o pensamento do fora”, como lance de dados, como emissão de singularidades. Entre dois diagramas, entre dois estados de diagrama, há mutação, remanejamento dos entrelaços de forças [...] são antes como que sorteios sucessivos, cada um operando ao acaso, mas nas condições extrínsecas determinadas pelo sorteio anterior (Deleuze, 2016, p. 268).

As forças não se entrelaçam através da continuidade, mas se reencaixam nos cortes, nos atravessamentos do descontínuo. O sujeito é constituído no lance de dados. É a fórmula de Nietzsche suscitada por Foucault. As forças componentes da loucura entram em novas combinações: a mística, a arte, a medicina, a política etc. Trata-se aí de um “terceiro sorteio” que faz emergir novas linhas de enunciados, paisagens subjetivas do acaso. Segundo Deleuze (2016, p. 269): “o fora é sempre uma abertura de um porvir, com o qual nada se finda, porque nada começou, mas tudo se metamorfoseia.” As forças revelam suas potências singulares, que adentram em outros campos e não se confundem com os poderes de afetar e serem afetadas. Trata-se aí do “terceiro sorteio”, o terceiro poder ou a resistência. É o que torna a mudança possível com singularidades de resistência, mas que se tornam o mesmo, na medida em que surgem antes do poder. Pensar o fora é pensar as resistências: “a resistência é primeira, estando em entrelaçamento direto com o fora.” (Deleuze, 2016, p. 269).

### **O desejo e a dobra do ser na estética da existência**

Neste nível, chegamos a outros pontos das análises. Os entrelaçamentos de forças se dobram em si mesmos, afetando diretamente o Ser. Desse modo, existem algumas pontuações a serem feitas: “Seria preciso, pois, distinguir as relações formalizadas sobre os estratos (Saber), os entrelaçamentos de forças ao nível do diagrama (Poder) e o entrelaçamento com o Fora, esse entrelaçamento absoluto, como diz Blanchot, que é também não-entrelaçamento (Pensamento)” (Deleuze, 2016, p. 270). Trata-se de eixos que diferem entre si, pois se encontram em dimensões distintas que adentram nas interioridades, nas profundezas abissais, de modo que o Fora se aplica ao mais “distante” possível de toda exterioridade.

Em Foucault, assim como em Raymond Russel, o duplo é sempre uma “dobradura”, em todos os sentidos da palavra. Se o pensamento não deixa de se “firmar” no fora, como é que este não surgiria por dentro, como aquilo que o pensamento não pensa e não pode pensar: um impensado no pensamento, como dizia As palavras e as coisas? Esse impensado, para a idade clássica, é o infinito, porém, a partir do século XIX, serão as dimensões da finitude a dobrar o fora e a constituir uma “profundez”, uma “espessura retirada de si”, um dentro da vida, do trabalho e da linguagem (Deleuze, 2016, p. 270).

Um dentro que é profundo e um fora que é distante: “a dobra do infinito e as redobras da finitude.”, de modo que o dentro é uma operação que acontece no fora em entrelaçamentos que fazem devir o sujeito. Trata-se de se entrelaçar a si mesmo, na medida em que o fora empresta a força, uma espécie de “duplo poder”, o de afetar e ser afetado por outras forças, derivando o entrelaço da força nela mesma. Existe aí algo de irredutível no que concerne ao entrelaçamento das forças que atuam em um eixo determinado. Segundo Deleuze (2016, p.

271), “O entrelaço consigo não se deixa alinhar sobre as formas concretas de poder, nem se subsumir por uma função diagramática abstrata.” Em tal olhar, o entrelaçar de si mesmo, se desenvolve segundo determinados aspectos. Faz-se necessário destacar-se em relação aos outros entrelaçamentos, como se “desengatasse”, de uma só vez, das formas de poder.

É como se os entrelaços do fora se dobrassem para fazer uma dobradura e para deixar que surja um entrelaço a si, que desenvolve segundo uma nova dimensão: a *enkrateia* é “um poder que se exerce sobre si mesmo no poder que se exerce sobre os outros.” (como poderia pretender governar os outros, caso não se governasse a si mesmo?) [...] (Deleuze, 2016, p. 272).

É um governo que se duplica, no entrelaçamento da força consigo mesma, de modo a desenvolver, sob a luz da ética grega, uma dimensão parcialmente autônoma, como a concepção de estética da existência: para governar o outro é necessário governar a si. É importante pensar o entrelace histórico em relação a si. Daí a necessidade de pensar num porvir. Segundo Deleuze (2016, p. 274), “A cada momento, o passado se amontoa no entrelaço consigo, ao passo que os estratos trazem o presente cambiante, e o porvir se agita no entrelaço com o fora.” Ocorre aí uma operação específica, tendo em vista que pensar seria mergulhar no estrato e se servir dele através do tempo presente, não para um retorno aos gregos, mas para um futuro. Resistir ao presente em prol de um tempo porvir a inspirar novas subjetividades. Para Foucault (1995):

O que me surpreende é que em nossa sociedade a arte esteja relacionada apenas aos objetos e nunca aos indivíduos e à vida; e, também, que a arte esteja num domínio especializado, o dos *experts* que são artistas. Mas a vida de todo indivíduo não é uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas não as nossas vidas? (Foucault, 1995, p. 261).

Despertar novas formas de subjetividade por meio do entrelaçamento de nossas indagações, retrocedendo ao "diagnóstico do presente" para promover uma estética dos afetos, uma ética da existência. Pensar na loucura como uma obra de arte é o nosso objetivo.

### **Breve fundamentação das categorias analíticas escolhidas**

A obra de Michel Foucault, como um conjunto conectado em si, nas dispersões e desdobramentos teóricos, nos permite adotar uma leitura analítica composta nos interstícios de uma ‘arqueogenealogia’ dos discursos, de modo a analisar os saberes emergentes, as relações de poder e as resistências insurgentes. Segundo Deleuze (2016), a filosofia foucaultiana é uma analítica dos dispositivos. Um dispositivo é definido por um conjunto multilinear, constituído por linhas de naturezas diferentes, que atravessam e arrastam o dispositivo para todos os lados possíveis. O Saber, o Poder e a Subjetividade, em seus processos, formam variáveis que se



afetam constantemente. Trata-se da formulação de enunciados, do exercício de poder e dos sujeitos tensionados numa rede de forças.

De acordo com Deleuze (2016, p. 360), “desemaranhar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é montar um mapa, mapografar, agrimensurar terras desconhecidas, e é isso que ele chama de ‘trabalho de campo’”. As linhas de um dispositivo se atualizam a cada instante, de modo que os processos de subjetivação se efetivem a cada encontro. Ou seja, a categoria analítica diz respeito ao dispositivo e seus elementos constituintes: linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de fissura, linhas de fuga etc., que formam um sistema não homogêneo e variável no campo das análises.

Segundo Deleuze e Guattari (2011), a cartografia não se justifica por modelos estruturais, considerados como um decalque representativo e engessado. A cartografia, nesse contexto, permite-nos produzir um mapa que é “uma experimentação ancorada no real” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30). Assim, o mapa é uma abertura para as multiplicidades, possuindo um funcionamento dinâmico, (des)dobrável, montável e adaptável às transformações da subjetividade: “Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30). As linhas de um mapa, neste sentido, são linhas de fuga, que não se reproduzem como um mapa-identitário, pois são irreduzíveis a qualquer forma de representação dominante. A análise cartográfica permite-nos estabelecer conexões alternativas para alcançar territórios diferentes das subjetividades que se deslocam em direções móveis, o que possibilita o surgimento de singularidades que emergem nos entremeios com o poder de nomadismo da subjetividade.

### **Descrição e análise do *corpus***

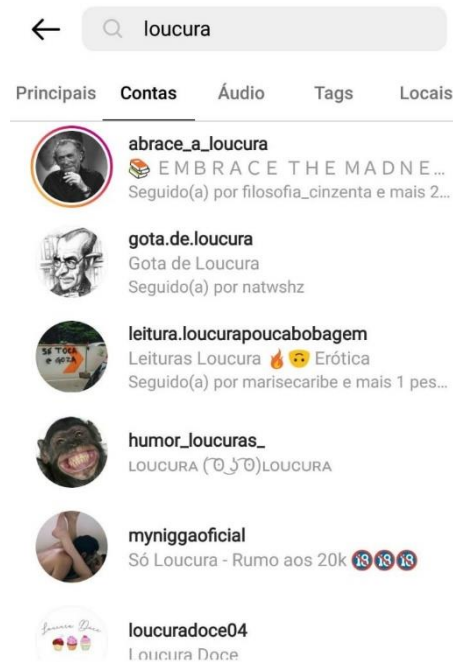
De acordo com Gregolin (2022), Foucault foi influenciado por mestres como Binswanger, Canguilhem, Lagache, Hyppolite e Althusser. Com essa formação, desenvolveu um interesse pela psicologia e pela loucura. Esses estudiosos ajudaram a moldar o desejo de Foucault de investigar a “divisão” entre razão e loucura. Este desejo se manifestou em sua obra *História da loucura* (1961), onde ele delineia como as sociedades historicamente experimentaram e entenderam essa separação. A noção de Foucault é uma forma de interrogar uma cultura sobre suas experiências-limite – momentos extremos que desafiam seus campos de normatividade – é essencial para compreendermos as condições de possibilidade dessa mesma cultura na história. Essas experiências-limite revelam rupturas ou divisões que são fundamentais para o nascimento e a evolução da cultura. Ao fazer isso, ele identifica uma

tensão constante entre a continuidade de uma análise dialética, que vê a história como um processo linear e progressivo, e a emergência de uma estrutura trágica, que representa momentos disruptivos e decisivos. Essa tensão, sempre à beira de se resolver, demonstra a estabilidade histórica e os momentos de crise que definem uma cultura.

Conforme Mendes (2022), acerca da loucura, os trabalhos de Osório César foram de grande relevância social, ao produzir uma interseção entre arte e loucura, particularmente através de seu trabalho no Asilo de Alienados do Juquery. Formado em Odontologia e Medicina, César se tornou o primeiro médico residente no Juquery em 1923. Observou as expressões artísticas dos internos e criou o Laboratório de Pesquisas Plásticas, incentivando a criatividade dos pacientes com liberdade na escolha de temas, técnicas e materiais. César Osório estudou a relação entre arte e loucura utilizando teorias de Freud e outros pensadores europeus, e suas análises freudianas influenciaram suas observações sobre a expressão artística dos internos. Ele comparou essa produção artística com a arte de crianças e povos primitivos, propondo um sistema classificatório para a arte dos alienados em seu livro *A expressão artística nos alienados* (1929). Além disso, foi um dos pioneiros na introdução da psicanálise no Brasil, fundando a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. As correspondências de César Osório com Freud revelam o reconhecimento e o entusiasmo de Freud com suas teorias no Brasil. Além de seu trabalho no Juquery, César e o artista Flávio de Carvalho organizaram em 1933 o "Mês dos loucos e das crianças", uma exposição que criticava os métodos tradicionais de ensino de arte e promovia expressões artísticas dos alienados e das crianças. Esse evento foi um marco nas discussões sobre estética e rupturas na história da arte no Brasil. Nos anos 1940, César Osório continuou a promover a arte dos internos do Juquery, fundando a Escola Livre de Artes Plásticas. Sua pesquisa ajudou a consolidar as conexões entre arte e loucura no Brasil, embora seu legado tenha sido temporariamente obscurecido pela perseguição política durante o governo Vargas. Sua compreensão da arte dos alienados e sua defesa da expressão livre foram fundamentais para a evolução das teorias sobre arte e psiquiatria no país.

É necessário digitar a palavra “loucura” na barra de pesquisa do *Instagram*. O *corpus* é o resultado das buscas. É constituído pelas páginas, postagens, contas, lugares, *tags*, etc. que permitem encontrarmos enunciados sobre a loucura e verificar seu funcionamento em rede com outros enunciados: “abraça a loucura”; “gota de loucura”; “Onde a loucura sempre bate” “#loucurasdeamor”, etc. É como se a loucura tivesse um local específico na subjetividade, mesmo se tratando de um “não-local” esse espaço virtual. Além de tudo, a loucura se configura como elemento do amor, afinal, amar é uma grande loucura?

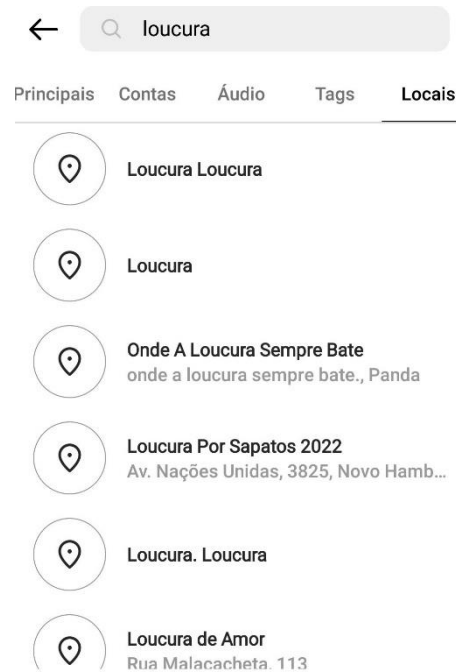
**Figura 1:** resultados de contas com resultado loucura no *Instagram*



**Fonte:** *print* do próprio autor

Na figura 1, nos resultados de contas enunciadas com a palavra loucura, podemos perceber o nome da página em inglês: “*embrace the madness*”, além da “gota de loucura”. A gota aqui se apresentaria como uma dose de desvio da norma? Talvez. No entanto, é possível perceber uma proposta em conexão com a arte produzida em nossos domínios históricos. O ícone dos livros na descrição da página “abrace a loucura” enuncia assim, um tipo de saber, não necessariamente sobre a loucura, mas da arte em interconexão com a loucura.

**Figura 2:** resultados de locais com enunciado loucura no *Instagram*



**Fonte:** *print* do próprio autor

Na Figura 2, os resultados como locais do espaço digital se configuram como um espaço onde a loucura se constitui de maneira distinta, na medida em que existe aquilo que Foucault (2013) chamou de heterotopia: espaços construídos/produzidos para organizar um tipo de controle sobre corpos em uma organização específica:

Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. [...] Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços. (Foucault, 2013, p. 19)

Nesse caso, o Instagram emerge como um espaço heterotópico no espaço digital, e o lugar da loucura, se anexa a essa heterotopia, demonstrando assim a multiplicidade da loucura em nosso domínio atual. Os resultados, compostos por enunciados como “loucura loucura” e “onde a loucura sempre bate”, nos fazem pensar em como a loucura pode afetar. Às vezes, ao escutar uma música afetiva, ao ler um poema íntimo ou até mesmo ao experienciar uma situação cotidiana. Desse ponto de vista, não somos normais de perto, pois todos nós temos um traço comum fora da norma.

**Figura 3:** resultados de *tags* com enunciado loucura no *Instagram*



**Fonte:** *print* do próprio autor

Na figura 3, ao clicarmos em *tags*, observamos que essas palavras-chave ou frases curtas são usadas para identificar e categorizar conteúdo em diversas redes sociais. *Tags* são frequentemente empregadas como *hashtags* (#) para associar postagens a tópicos ou temas específicos. Por exemplo, a *tag* #loucura pode ser utilizada para categorizar postagens relacionadas à loucura. Neste contexto, destacamos os resultados “loucura que ela fez comigo” e “loucura de amor”, que nos direcionam para uma perspectiva romântica da loucura. Essas *tags* sugerem uma concepção da loucura que se alinha com o campo da norma romântica, examinando como a loucura é associada a sentimentos intensos e relacionamentos amorosos. Assim, elas revelam uma faceta da loucura que perpassa o conceito clínico e se imbrica com a dimensão emocional e afetiva da experiência humana.

No que diz respeito ao *corpus*, utilizamos o exemplo da página “Abraça a Loucura”, (figura 4) que conta com mais de 170 mil seguidores. A quantidade de seguidores revela um efeito de verdade sobre esse discurso de loucura no *Instagram*. As imagens, frases, sons, músicas, legendas e comentários compõem o material de análise. Trata-se de postagens que promovem discursos alternativos sobre a loucura, quebrando o paradigma institucional. Ao fazer uma leitura rápida da descrição da página, percebemos a relação da loucura com os afetos, uma vez que o nome da página é “Abraça a loucura”, sugerindo a expressão afetiva do sujeito em relação à loucura. O ato de abraçar, portanto, cria uma narrativa específica: abraçar a

loucura como uma forma de autoexpressão através de imagens do cotidiano, onde o dia a dia se torna um elemento no discurso da loucura, permeando a música, a poesia, a arte e a resistência.

**Figuras 4:** *print* da página “abraça a loucura”



**Fonte:** *print* do próprio autor

As postagens da página, ou seja, seus conteúdos, abordam o sentido produzido na realidade e seus desdobramentos no ato de se "perder", que é uma forma de escapar da realidade normativa. A poesia, a música e as frases impactantes manifestadas em muros são enunciados associados à loucura, direcionando-a para um campo estético-artístico. Nesse sentido, é possível observar uma insurgência estética da loucura no contexto pandêmico. Essas postagens repetem-se como práticas discursivas que se destacam em nosso cenário atual. O *corpus* revela especificamente o cenário subjetivo do cotidiano em sua expressão artística, abrangendo as modalidades audiovisuais de séries e filmes, bem como a produção de pensadores, filósofos, sociólogos, músicos, poetas, artistas e grupos artísticos. Essas manifestações artísticas e discursivas não apenas ilustram a loucura como um fenômeno cultural e estético, mas também a posicionam como uma forma de resistência e reconfiguração do sentido no presente. Assim, a loucura é delineada não apenas como um tema de estudo, mas como uma prática e um

discurso que se entrelaçam com as diversas formas de expressão artística e cultural contemporânea.

**Figuras 5:** poema de Paulo Leminski



**Fonte:** *print* do próprio autor

Na Figura 5, analisamos uma postagem que faz referência a Paulo Leminski, com o enunciado: “Acordei bemol tudo estava sustenido sol faz só não fazia sentido.”, acompanhado pela frase em inglês: “*It’s a only life but I like it*” (Em tradução livre: É só uma vida, mas eu gosto disso). Esta postagem recebeu mais de duas mil curtidas, evidenciando a ampla identificação das pessoas com a poesia e sua associação ao discurso de abraçar a própria loucura ou a loucura em si mesma. A análise dessa postagem revela como a poesia de Leminski é utilizada para expressar uma forma de desajuste ou descompasso com a realidade normativa. A frase “Acordei bemol tudo estava sustenido sol faz só não fazia sentido” expressa uma sensação de dissonância, desconexão e a ambiguidade da experiência subjetiva da loucura no espaço digital. O uso de termos musicais como “bemol” e “sustenido” delinea uma metáfora para estados de afetos que de certa forma, tem o intuito de demonstrar uma contestação da própria realidade no corpo social. A inclusão da frase em inglês enuncia uma afirmação da aceitação e do apreço pela própria condição de desajuste, ressaltando a ideia de que, apesar da

confusão ou desordem percebida, há um gosto ou uma apreciação pela vida tal como ela é vivida. Seria então, uma estética da existência? O elevado número de curtidas indica um ressonar profundo com a ideia de abraçar a loucura como um aspecto legítimo. A postagem se inscreve assim em um discurso mais amplo sobre a aceitação da desordem e a busca por significados alternativos em um contexto onde o convencional é subvertido.

**Figuras 6:** frase poética numa parede



**Fonte:** *print* do próprio autor

Na Figura 6, examinamos a seguinte frase escrita em um muro: “Todos os caminhos da vida levam à morte. Perca-se!”, que obteve mais de seis mil curtidas em uma postagem com a *hashtag* #abraçaloucura. Esse elevado número de curtidas transparece um efeito de verdade que é construído através da quantidade de interações. A frase “Perca-se” direciona para um desvio consciente do caminho normativo, convidando à rejeição das convenções impostas e à experimentação de trajetos alternativos. Esse “desvio” está alinhado com o conjunto de enunciados sobre a loucura, que frequentemente são usados como forma de subverter as noções de racionalidade e ordem. A *hashtag* #abraçaloucura reforça essa ideia, de maneira a promover uma imersão na loucura como uma forma válida e até mesmo desejável de existir.

O grande número de curtidas não apenas valida a mensagem, mas também cria uma espécie de consenso em torno da ideia de que desviar-se do caminho esperado ou normativo é um ato de singularidade e resistência. Esse “perca-se” ressoa com um desejo coletivo de romper



com as expectativas sociais, ao abraçar a loucura, uma pessoa pode encontrar um sentido mais profundo ou uma liberdade que não está disponível dentro dos limites tipos como normais. A frase escrita no muro demonstra a construção de sentido onde a loucura é reinterpretada como um caminho alternativo, e não necessariamente negativo. Em vez de uma simples perda, o "perca-se" pode ser visto como uma descoberta, de encontrar novos significados e formas de ser que nos aproximam de um modo estético da existência.

### **Considerações finais**

A loucura, ao assumir uma configuração distinta que ultrapassa as estruturas médicas, passa a compor o cenário cotidiano, transformando-se na "loucura de todos os dias." Nossas perspectivas se voltam para a construção de uma subjetividade estética por meio dos enunciados sobre a loucura, utilizando-os como ferramentas de potência, afirmação e afeto que desestabilizam e reconfiguram a existência do sujeito em processos singulares e únicos. Ao longo da pesquisa sobre a loucura no *Instagram*, tornou-se evidente que as pessoas, cada vez mais, demonstram uma incapacidade de lidar com a realidade em suas múltiplas formas, buscando alternativas expressivas que permitam a exteriorização de seus afetos. Essas formas alternativas se alinham a outras realidades possíveis, revelando modos distintos de vivenciar a loucura dentro das redes sociais, ao mesmo tempo em que simbolizam e recriam a realidade dentro de um imaginário digital compartilhado.

Assim, a loucura, ao ser retrabalhada e reconfigurada através desses enunciados estético-discursivos, adquire uma nova dimensão dentro do espaço digital. Ela torna-se uma forma de resistência ao presente, um caminho de fuga das normas estabelecidas, e uma maneira de afirmar a singularidade subjetiva no meio de um cenário dominado pela racionalidade e pela normatividade. Dessa forma, a loucura, no contexto das redes sociais, não é apenas um reflexo da realidade, mas uma manifestação ativa que entrecorta as fronteiras entre o normal e o patológico, o real e o imaginário, o singular e o coletivo.

### **Referências**

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2, v. 1. *In: Rizoma*. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 17-49.

DELEUZE, Gilles. Dois regimes de loucos. *In: DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?* São Paulo: Editora 34, 2016. p. 359-369.

DELEUZE, Gilles. Dois Regimes de Loucos. *In*: DELEUZE, Gilles. **Sobre os principais conceitos de Michel Foucault**. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 257-276.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A história da loucura de Michel Foucault: um livro seminal no vórtice infinito de leituras. Dossiê “60 anos da obra História da Loucura, de Michel Foucault”. **Cadernos Discursivos**, Catalão/GO, Edição Especial, p. 5-24, 2022.

MENDES, Neusa Regiane. Nos trilhos da loucura: memória da psiquiatria paulista (1850-1950). Dossiê “60 anos da obra História da Loucura, de Michel Foucault”. **Cadernos Discursivos**, Catalão/GO, Edição Especial, p. 123-140, 2022.

*ISSN: 1984-4921*

*DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.12>*

*Submetido em: 19/07/2024*

*Aprovado em: 03/09/2024*